

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v14i23.573>

A HISTÓRIA DO BRASIL NA HISTORIOGRAFIA DE LUÍS FERRAND DE ALMEIDA¹

THE HISTORY OF BRAZIL IN THE HISTORIOGRAPHY OF LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

LA HISTORIA DEL BRASIL EN LA HISTORIOGRAFÍA DE LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

MARGARIDA SOBRAL NETO
Prof. Associada com Agregação
Universidade de Coimbra/FLUC/CHSC - Portugal
mneto@fl.uc.pt

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar o contributo da obra historiográfica do historiador português Luís Ferrand de Almeida para o conhecimento da história do Brasil, em particular para a história da definição das fronteiras meridionais na época moderna.

Palavras-chave: Luís Ferrand de Almeida. História do Brasil. Fronteiras. Colónia do Sacramento.

Abstract: The purpose of this article is to present the contribution of the historiography of the portuguese historian Luís Ferrand de Almeida for the knowledge of the of history of Brazil, particularly for the definition of the southern borders in the seventeenth and eighteenth centuries.

Keywords: Luís Ferrand de Almeida. History of Brazil . Borders. Sacramento Colony.

Resumen: El objetivo de este trabajo es dar a conocer la contribución de la obra historiográfica del historiador portugués Luís de Almeida Ferrand al conocimiento de la historia del Brasil en particular, para la definición de las fronteras del sur en los siglos XVII e XVIII.

Palavras clave: Luís Ferrand de Almeida. Historiografia portuguesa. Borders. Colónia do Sacramento.

Introdução

Luís Manuel Ferrand de Almeida (LFA) nasceu em 1922 em Coimbra, falecendo na mesma cidade em 2006. Foi um dos historiadores portugueses que operou, na Universidade de Coimbra, uma abertura da ciência histórica a novos campos temáticos². Da sua bibliografia constam estudos que vão desde a área da história económica à história da

¹ Artigo submetido à avaliação em janeiro de 2017 e aprovado para publicação em maio de 2017.

² OLIVEIRA, António de. Seis décadas de história na Faculdade de Letras de Coimbra (1911-1970). In: _____ . *Antiquarismo e história*. Coimbra: Palimage, 2013. p. 201-284.

cultura³. O seu primeiro interesse historiográfico dirigiu-se, no entanto, para a história da diplomacia na época moderna, motivando-o, em particular, a ação dos diplomatas Luís da Cunha e Alexandre de Gusmão⁴.

A consolidação e o alargamento do império português constituíram um motivo de envolvimento de Portugal em conflitos bélicos e em diversas mesas de negociações. A história da diplomacia portuguesa na época moderna é, assim, um campo de análise de grande importância para o conhecimento do lugar de Portugal no mundo no tempo da primeira globalização. A atenção de LFA centrou-se sobretudo no estudo da definição dos limites meridionais do Brasil, tema central da sua produção académica: das teses de licenciatura, de doutoramento e da lição de agregação bem como de vários artigos⁵.

1 Os primeiros passos do jovem historiador

LFA iniciou o curso de Ciências Históricas e Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) em 1940. No final do primeiro ano viria, entretanto, a transferir-se para a Faculdade de Direito. Concluído aí o curso em 1946, com elevada classificação, decidiu voltar à Faculdade de Letras para terminar a licenciatura em Ciências

³ Sobre a historiografia de Luís Ferrand de Almeida ver: MAGALHÃES, Joaquim Romero. Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida. *Dicionário de Historiadores portugueses: da Academia Real das Ciências ao Estado Novo* (1779-1974). Disponível em: <http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_godinho.htm>. Acesso em: 29 de dezembro de 2016; Homenagem a Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra: Faculdade de Letras/Instituto de Estudos Históricos António de Vasconcelos, t. 36, n. 1 e t. 36, n. 2, 2002-2003.

⁴ CORTESÃO, Jaime. Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid. *Biblos*, Rio de Janeiro, v. 28, 2. t., parte 3, recensão crítica, 1952, 17 p. Separata; A PROPÓSITO do «Testamento Político» de D. Luís da Cunha. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 1948, t. 3, 37 p. Separata; D. LUÍS da Cunha, Sebastião de Carvalho e o «Testamento Político». *Cidade Nova*, série 4, n. 1, p. 27-34, 1955. Separata; MEMÓRIAS e outros escritos de D. Luís da Cunha. *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, v. 7, n. 25-26, 1961, 13 p. Separata; ALEXANDRE de Gusmão, o Brasil e o Tratado de Madrid (1735-1750). Coimbra: INIC, 1990, 67 p.; ALEXANDRE de Gusmão em Paris: uma carta inédita (1716). *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 20, 1984, 22 p. Separata;

⁵ A DIPLOMACIA Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil, (1493-1700). Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1957. v.1, XII + 586 p. ; COLÓNIA do Sacramento. *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, v. 3, p. 708-714, 1968; A PERDA da Colónia do Sacramento em 1680: uma carta de D. Manuel Lobo. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 11, v. 2, 1970. 9 p. Separata; A COLÓNIA do Sacramento na época da Sucessão de Espanha. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1973. XVIII + 538 p.; ORIGENS da Colónia do Sacramento: o Regimento de D. Manuel Lobo (1678). *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 29, 1982, 32 p. Separata; O PROBLEMA de fronteiras no sul do Brasil: o caso da Colónia do Sacramento. In: ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.). *Portugal no Mundo*, dirig. por, vol. V, Lisboa: Publicações Alfa, 1989, v. 5, p. 191-201 e 331; COLÓNIA do Sacramento. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). *Dicionário da História da colonização portuguesa no Brasil.*, Lisboa: Ed. Verbo, 1994. Colunas 180-183; CASAIS e lavradores na Colónia do Sacramento (1680-1705). *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 30, 1995. p. 11-36.

Históricas e Filosóficas, o que viria a acontecer em 1949. Iniciou a preparação da sua tese de licenciatura no 2.º ano da licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas. Com efeito, numa carta datada de 22 de dezembro de 1947, dirigida a Damião Peres (historiador ligado ao estudo da Expansão Portuguesa) dá conta da sua intenção de se dedicar ao estudo da *Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil* (séculos XVII a XIX), escolhendo para tema específico da tese de licenciatura: “A questão da Colónia do Sacramento ou dos limites meridionais do Brasil (1680-1777)”. Em relação à relevância deste assunto afirmava: “Do interesse do problema de história diplomática que me proponho focar quase é desnecessário falar pois deu lugar a variadas negociações e pôs em movimento a diplomacia dos dois países durante um século”. Nesta carta dava ainda conta do *Estado da Arte* sobre o tema que se propunha estudar, demonstrando já um conhecimento muito vasto da bibliografia e dos núcleos documentais a investigar.

O interesse do projeto foi, de imediato, reconhecido pelo Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras na fundamentação do pedido de uma bolsa ao Instituto de Alta Cultura destinada a custear pesquisas em arquivos nacionais e estrangeiros, nomeadamente em Simancas (Espanha).

Circunstâncias da vida pessoal obrigaram-no a conciliar a investigação histórica com o exercício de uma atividade profissional em Lisboa, entre 1950 e 1955. O grande interesse pela História do Brasil levou-o, entretanto, a frequentar, em 1953, na Faculdade de Letras de Lisboa, um curso de Estudos Brasileiros lecionado por Cyro dos Anjos. Tendo-se distinguido como melhor aluno, foi-lhe concedido um prémio pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil que consistiu numa estadia de três meses no Rio de Janeiro.

Nesta cidade, consultou fontes e livros de grande interesse, especialmente na Mapoteca e na Biblioteca do Itamarati e na Biblioteca Nacional. Teve, ainda, a oportunidade de conhecer Hélio Viana e o historiador português Jaime Cortesão que se encontrava no exílio. Adquiriu muitos livros. Fascinou-se com as paisagens e as pessoas.

No Brasil reforçou o gosto pelo estudo da História deste país e renovou forças para concluir a tese de licenciatura, o que viria a acontecer em maio de 1956. O estudo intitulado *A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil* (1493-1700) foi defendido no ano seguinte, tendo obtido a classificação de dezoito valores e o prémio “João de Barros”, da Agência Geral do Ultramar.

A preparação da tese de licenciatura contou com a preciosa colaboração de alguns historiadores brasileiros, nomeadamente Walter Spalding, José Honório Rodrigues e Hélio

Viana, pessoas sempre disponíveis para corresponder aos pedidos de envio de bibliografia que não existia nas bibliotecas portuguesas.

Através da correspondência trocada com estes autores, LFA ia dando conta dos seus interesses de investigação, e dos seus trabalhos que lhe granjeariam, desde cedo, um grande reconhecimento científico⁶.

Um dos seus primeiros estudos foi dedicado ao problema da eventual descoberta do Rio da Prata por Vespúcio⁷. Sobre este trabalho escreveu, em 12 de novembro de 1958, Max Justo Guedes: “[...] com notável espírito crítico, fez ruir o castelo de cartas de Levillier, que, infelizmente, insiste em mantê-lo de pé, conforme constatei no Américo Vespúcio (ediciones Cultura Hispanica-Madrid 1966)”.

Por sua vez, Hélio Viana, em carta datada de 22 de maio de 1955 acusava a recepção do artigo de LFA intitulado *Informação de Francisco Ribeiro sobre a Colónia do Sacramento*⁸ classificando-o como um “excelente trabalho prestado às Letras históricas de Portugal e do Brasil”, manifestando, ao mesmo tempo, o desejo de que LFA prosseguisse os estudos “em benefício mútuo de nossos dois países”. Este historiador, numa notícia publicada na secção Literatura e Arte do “Jornal do Dia”, destacava o contributo trazido por LFA para o conhecimento do povoamento do Rio Grande do Sul, como decorre da afirmação seguinte: fica-lhe o “Rio Grande do Sul a dever esta excelente publicação documental”.

O mesmo artigo foi considerado, na mesma altura, pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Guilhermino César (7 de julho de 1955) como “valiosa contribuição” para os estudos do “Brasil colonial”.

O prestígio conquistado por LFA com os primeiros trabalhos publicados levou, por exemplo, Cyro dos Anjos, a por a hipótese de a tese de licenciatura poder vir a ser publicada pela Companhia Editora Nacional na Coleção Brasileira (em 29 de fevereiro de 1956).

Noutra carta, reportando-se a alguns artigos oferecidos por LFA, concluía: “grande historiador que você se está fazendo”. Um grande futuro tem pela frente “Que esplendidos estudos os que me mandou”. E numa missiva de 12 de fevereiro de 1958, apreciava um estudo sobre o grande diplomata D. Luís da Cunha apontando a urgência de se

⁶ Utilizámos, como fonte histórica, neste artigo, algumas cartas que constam do espólio documental de Luís Ferrand de Almeida.

⁷ VESPÚCIO e o descobrimento do Rio da Prata. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 11, v. 1, 1955, 49 p. Separata.

⁸ INFORMAÇÃO de Francisco Ribeiro sobre a Colónia do Sacramento. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 22, 1955, 105 p. Separata.

fazer uma investigação sobre uma “figura de tão alta linhagem” e dizia: “E você, pelo que mostra, é o homem para a empresa”.

Entre os estudos publicados por LFA, destacam-se os referentes ao notável embaixador e “famoso Mestre da política D. Luiz da Cunha”. O artigo que intitulou “A autenticidade do *Testamento Político* de D. Luís da Cunha” suscitou os maiores elogios dos seus colegas historiadores bem como de especialistas de outras áreas. Com efeito, Luís Ferrand de Almeida evidencia neste artigo a finura e o rigor da crítica documental aliados a um profundo conhecimento da vida, do pensamento e dos escritos de D. Luís da Cunha, o que lhe permitiu rebater, com argúcia, os argumentos contrários à autenticidade do *Testamento Político*.

O artigo teve, igualmente, uma excelente receção na Europa. Em 1970, Révah, titular da cátedra de Línguas e Literaturas da Península Ibérica e da América Latina, no Collège de France, numa carta em que agradece o envio dos estudos sobre D. Luís da Cunha, que classifica como “excelentes”, afirma: “vous êtes particulièrement indiqué pour nous donner une bonne édition critique de: *Testamento Político e Instruções a Marco António de Azevedo Coutinho*”.

Apesar de ter na sua gaveta vasta documentação sobre D. Luís da Cunha, Luís Ferrand de Almeida não conseguiu responder ao repto de Révah, devido ao facto de estar embrenhado na conclusão da sua tese de doutoramento. Depois de prestar provas, em 1973, continuou-lhe a escassear o tempo, dedicado maioritariamente a servir a Faculdade no exercício das funções docentes, na organização da Revista Portuguesa da História e no desempenho de tarefas burocráticas. Entretanto, outros historiadores começaram a trabalhar na mesma seara, tendo publicado documentos aos quais LFA tinha dedicado já muitos meses de trabalho.

2 A dissertação de licenciatura: A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil

A tese de licenciatura de LFA é uma obra invulgar saída da pena de um jovem historiador. Trata-se de um volume com 581 páginas, sendo 260 dedicadas à publicação de alguns documentos que constituíram o sustentáculo do estudo.

A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil estrutura-se da seguinte forma: em termos cronológicos, a introdução inicia-se com a abordagem do contexto

diplomático de que resultaria o tratado de Tordesilhas prolongando-se até à fundação da Colónia do Sacramento, subdividindo-se em 5 partes: O meridiano de Tordesilhas. Viagens e negociações diplomáticas no século XVI; os limites meridionais do Brasil na cartografia e na literatura histórica e geográfica; bandeiras e limites meridionais; o comércio português no Rio da Prata e a situação económica do Brasil; política de expansão para sul no século XVII.

Por sua vez, o corpo do trabalho divide-se em 5 capítulos que abordam os temas seguintes: a fundação da Colónia do Sacramento e as negociações de Lisboa; O conflito com a Espanha e o Tratado Provisional de 1681; A execução do tratado. Conferências de Elvas e Badajoz; A arbitragem do Papa; A questão da Colónia do Sacramento nos fins do século XVII.

Com a publicação da tese de licenciatura de LFA mereceu o reconhecimento de vários historiadores. Cyro dos Anjos comentou em carta:

estou lendo, com vivíssimo interesse, o seu admirável trabalho – tão seguro na documentação e análise dos fatos desenrolados nesse curioso período de formação histórica do Brasil. Senti-me, ao mesmo tempo, desvanecido e preocupado, por ter tido, entre os meus alunos do Curso de Estudos Brasileiros, um erudito e pesquisador do seu porte. Não sendo especialista em nenhuma das matérias que constituíam o programa do Curso, e só tendo aceitado a incumbência do Itamarati, com declaração expressa de que não iria dar aulas, e sim estudar, lado a lado, com os alunos, vejo agora que perigos enfrentei. Discorrer, perante um auditório onde havia um Luís Ferrand de Almeida, sobre coisas do Brasil colonial! Enfim, o arrojo me valeu uma bela permanência em Lisboa e o conhecimento de boa parte da Europa, que não me teriam sido fáceis noutras circunstâncias

E Arthur Cesar Ferreira Reis, em 3 de dezembro de 1957, fez a seguinte apreciação:

O assunto é dos mais palpitantes. Conquanto haja sido tratado por muita gente, através de contribuições interessantes e ricas em informações, em nenhuma delas encontrei a excelência de tratamento que assinala a sua tese de doutoramento, na verdade um monumental trabalho de exegese, de revelação e de esclarecimento do processo de formação territorial do Brasil na zona sul.

Por sua vez, em 21 de Outubro de 1957, Charles Boxer, titular da cátedra Camões na Universidade do Kings College em Londres, acusava a receção da tese de licenciatura de LFA com estas palavras:

Evidentemente, ainda não pude ler o livro todo, mas mesmo folheando-o rapidamente, e lendo um e outro texto aqui e acolá, tenho a impressão (e impressão forte) que se trata do livro definitivo sobre o assunto, escrito com sobriedade, nitidez, amor à verdade e com toda a documentação precisa, assim manuscrita como impressa. Parabéns, sem reservas, pois, por tão útil e proveitosa contribuição à História de Portugal e o seu império ultramarino nos séculos XVII e (tomando em conta o tomo que se há de seguir a este) XVIII.

Não tenho por ora nada que possa oferecer a V. Ex^a. em troca de tão grandiosa dádiva e livro tão substancial, mas aproveito a ocasião para enviar dois artigos insignificantes, na espera que mais tarde algo de maior valor (embora que nunca igualará o seu livro com tanta documentação inédita a enriquecê-lo) pode seguir em tempo devido.

Esse “algo de maior valor” foi o livro que Charles Boxer intitulou *The Golden Age of Brazil*, publicado em 1961, e que mereceu, no dizer de Charles Boxer, “louvores imerecidos” de Luís Ferrand de Almeida. Aprovação que levaria Boxer a solicitar-lhe uma “noticiazinha” na *Revista Portuguesa de História*. Esta recensão publicada, em 1963, na revista *Studia* deu origem ao seguinte comentário de Charles Boxer: “Muito me ufano com esta notícia tão favorável, pois que ninguém conhece a História do Brasil daquela época melhor que o meu amigo, e assim a sua aprovação vale para mim tanto como uma bênção do Papa para qualquer fiel da Igreja”.

A tese de licenciatura de Luís Ferrand de Almeida abriu-lhe, de facto, as portas da comunidade científica internacional que esperava contar com a sua presença no XI Congresso Internacional de Ciências Históricas que se realizou na Suécia, em 1960. Em 1959, Magnus Morner, Presidente do Instituto de Estudos Ibero Americanos de Estocolmo, num convite que lhe endereçava no sentido de participar em iniciativas científicas que este Instituto realizava à margem do Congresso, escrevia: “Bem vindo pois a Estocolmo”.

A ida a Estocolmo ter-lhe-ia permitido contactar pessoalmente com os grandes vultos da historiografia europeia que apresentaram comunicações naquele que é considerado o congresso magno dos historiadores, mas o Sr. Professor Ferrand de Almeida não teve possibilidades de preparar uma conferência à medida dos seus exigentíssimos critérios de rigor devido à excessiva carga docente que tinha a seu cargo, num tempo em que os professores da secção de História eram em diminuto número.

Contratado como 2.º assistente do 4.º Grupo (Ciências Históricas), LFA iniciara a atividade docente em novembro de 1957. Integrou o corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por mérito próprio, com um invejável curriculum de que faziam parte a sua tese de licenciatura e sete artigos publicados na *Revista Portuguesa da História* e na *Revista Biblos*.

Uma das cadeiras cuja leccionação LFA então preparava era História do Brasil; disciplina criada pelo decreto nº 41341 de 30 de Outubro de 1957, sendo incluída no 4.º ano da licenciatura, só viria, no entanto, a entrar em funcionamento em 1960, sendo LFA o seu primeiro docente. A sua humildade científica levou-a a afirmar que esta unidade curricular devia ser entregue a um historiador brasileiro.

O reconhecimento dos historiadores brasileiros e portugueses sobre as competências de LFA na área da história do Brasil expressava-se, entretanto, em vários convites para participar em congressos e outras atividades. Em 1959 fez parte da delegação portuguesa enviada ao 4.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, reunido na Bahia onde apresentou a comunicação intitulada *Plantas do Oriente no Brasil em fins do século XVII*. Posteriormente, enviou comunicações ao 6.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Cambridge e Nova Iorque em 1966).

Por sua vez, em 1960 pertenceu à comissão organizadora da exposição do Museu Militar relativa à engenharia militar no Brasil e no Ultramar português efetuada no Museu Militar (Lisboa).

3 A tese de doutoramento: A Colónia do Sacramento na época de sucessão de Espanha

Considerando que na dissertação de licenciatura tinham sido tratados sobretudo temas diplomáticos, não descurando, mas não podendo aprofundar, “aspectos sociais, económicos e administrativos da Colónia do Sacramento e das relações dos Portugueses com a região platina” decidiu dedicar a sua tese de doutoramento ao estudo destes assuntos. O retomar do espaço geográfico e da cronologia da dissertação de licenciatura compreende-se à luz da sua concepção de História, que exprime servindo-se das palavras de Braudel (autor a quem se referia como “um dos maiores historiadores dos nossos dias”): “Tout est lié – eh bien tout est lié [...] dans l’ histoire terriblement complexe du monde. [...]. Les faits se soudent entre eux, à travers le temps comme à travers l’espace; sans fin, historiens, nous avons à faire le tour complet de l’horizon ».

A Colónia do Sacramento na época de sucessão de Espanha é um volume extenso composto por 538 páginas, sendo 150 ocupadas com a publicação de documentos. Trata-se de uma obra de particular importância para o conhecimento da História de Portugal e do Brasil, mas também para a compreensão da História da Europa. Com efeito, na excelente introdução desta obra, intitulada “Sucessão de Espanha, Equilíbrio Europeu e Comércio Americano”, clarificam-se as orientações políticas das grandes potências europeias (Espanha, França, Inglaterra e Holanda), na viragem do século XVII para o XVIII, analisando-se com detalhe, e em perspetiva histórica, o princípio do equilíbrio europeu, ou da *balança dos poderes*, estruturante da conduta política do tempo.

Nos capítulos seguintes foram tratados os temas: da ocupação militar à “política dos casais”; da prata peruana ao gado uruguaio; o comércio dos couros; a Colónia e os

problemas internacionais nos princípios do século XVIII; a Colónia e a Sucessão de Espanha (1700-1702); Colónia e a Sucessão de Espanha (1702-1705).

As razões da fundação da Colónia do Sacramento são apresentadas por LFA nos seguintes termos:

A fundação da Colónia do Sacramento obedeceu a motivos económicos e políticos. Era um dos meios com que se procurava solucionar a crise comercial luso-brasileira, iniciada no terceiro quartel do século XVII, e especialmente o problema da escassez monetária. Esperava-se que a reabertura do comércio com Buenos Aires fizesse chegar de novo ao Brasil e a Portugal, em quantidade, a prata do Peru como acontecera antes de 1640. O metal branco tinha também grande importância nas actividades mercantis orientais e era absorvido, em larga escala, pela Índia e a China.

LFA invoca ainda a preocupação, mesmo que secundária, de dominar o comércio dos couros platinos considerados os melhores do mundo. Para além das motivações económicas são relevadas as de natureza política:

Como o revelam crónicas e mapas, desde há muito os Portugueses consideravam suas, de direito, graças ao meridiano de Tordesilhas, as terras que, no sul do Brasil, se alongavam até ao Prata, não faltando mesmo quem visse no grande rio uma espécie de limite natural.

A profunda reflexão e esclarecimento das questões da definição dos limites meridionais do Brasil levaram Luís Ferrand de Almeida a revelar-se como o grande historiador desta região da América do Sul.

A propósito desta obra e do seu autor escreveu, em 1981, Aníbal Abadie-Aicardi da Universidade Federal de Santa Catarina na *Revista Nuestra Historia* (Buenos Aires).

Poucos historiadores têm o privilégio de o ser desde a etapa formativa dos graus académicos. É o caso de LFA, professor extraordinário da UC, licenciado por ela com uma sólida dissertação sobre *A Diplomacia Portuguesa e os limites meridionais do Brasil* e doutorado com uma magnífica tese *A Colónia do Sacramento na época de sucessão de Espanha*.

E concluía: “Encerramos estas linhas destacando a necessidade de uma maior divulgação desta importante obra do americanista de Coimbra no nosso ambiente historiográfico ibero-americano e, em particular, no rio-platense”.

No que diz respeito ao território brasileiro, LFA estudou fundamentalmente os limites meridionais centrando-se na problemática da Colónia do Sacramento. Era, no entanto, um leitor atento de toda a bibliografia referente à História do Brasil a que tinha acesso.

4 O estudo: Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII

Numa dimensão geográfica mais ampla, situa-se a abordagem pioneira de uma temática que integra hoje a agenda historiográfica e que se reporta à difusão e troca de plantas úteis de diversas partes do mundo que se iniciou no século XV, e se prolonga até à atualidade, mas que teve um particular impacto na Época Moderna.

Em 1959, LFA fez parte da delegação portuguesa enviada ao 4.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, reunido na Bahia onde apresentou a comunicação intitulada *Plantas do Oriente no Brasil em fins do século XVII*. Este tema foi, posteriormente, objeto de um extenso artigo (142 páginas) publicado na RPH no tomo XV (1975) que intitulou *Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII*. Trata-se de um estudo fruto de uma longa maturação, como eram aliás todos os estudos de LFA, em que nos é apresentada em síntese a circulação das plantas entre os diversos territórios do império português, enquadrada no contexto mais amplo das trocas entre a Europa e os Novos Mundos.

O foco deste estudo centra-se na minuciosa análise do esforço desenvolvido pelos portugueses no sentido de promover a aclimação de plantas de especiarias orientais no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. Sobre este assunto escreve:

Em conclusão diremos que a aclimação das plantas de especiarias orientais no Brasil durante os séculos XVII e XVIII, pelos motivos expostos, não arruinou o monopólio holandês, como ambicionavam os seus promotores, nem provocou, portanto, qualquer viragem espectacular no comércio internacional. Mas, apesar de todas as dificuldades e insucessos, as experiências que estudámos não resultaram inúteis e o seu interesse e significado avultam quando consideradas em conjunto e numa perspectiva geográfica e temporal. [...]
Assim as tentativas dos séculos XVII e XVIII, com seus êxitos e fracassos, integram-se num longo processo que, globalmente considerado, se revelou fecundo e veio a ter uma projecção que ultrapassou largamente as fronteiras do mundo português da época.

Outra planta das Américas à qual LFA dedicou um estudo aturado foi à introdução e difusão do milho grosso em Portugal. Cruzando saberes provenientes da história e da botânica produziu sobre esta matéria dois artigos notáveis no que diz respeito a uma questão tão controversa⁹.

5 Outros trabalhos sobre história do Brasil

⁹ A PROPÓSITO de milho ‘marroco’ em Portugal nos séculos XVI-XVIII. *Revista Portuguesa de História* Coimbra, t. 27, 1992. 41 p. Separata; SOBRE a introdução e a difusão do milho mais em Portugal. *A cidade e o campo: Colectânea de Estudos*, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000. p. 145-167.

Como já referimos, a história diplomática constituiu uma das áreas de especialidade de LFA tendo produzido vários estudos onde demonstrou uma particular argúcia interpretativa desde cedo reconhecida.

Um dos seus livros, publicado em 1990, foi dedicado a *Alexandre de Gusmão, o Brasil e o Tratado de Madrid (1735-1750)*. Nele encontra o leitor, um cuidado e crítico estado da arte sobre o conhecimento referente ao célebre tratado que resultou das negociações entre Portugal e Espanha sobre a delimitação das fronteiras na América do Sul. Na sua opinião o tratado de Madrid “foi um acto diplomático de capital importância na história luso-brasileira, pois legalizou a vasta expansão territorial no continente para além do meridiano de Tordesilhas: os limites de *facto* transformavam-se em *fronteiras de direito*”¹⁰.

A lista das publicações de LFA evidencia desde o início até ao final da sua produção científica um interesse pela História do Brasil, revisitando, por vezes, alguns temas sempre que tinha novos dados ou interpretações como evidenciam os seguintes títulos: “Casais e lavradores na Colónia do Sacramento (1680-1705) (1995) ou “Portugal, o Brasil e o comércio do Rio da Prata (1640-1680)” (1999).

6 O contributo para a difusão da História do Brasil

Outra tarefa que foi confiada a LFA logo que ingressou na docência foi a de secretário da RPH, atividade que se assinala pelo início da publicação sistemática de artigos sobre História do Brasil. De notar que, desde o primeiro número, publicado em 1941, esta revista manifestara interesse pela História do Brasil, como se atesta pela publicação no volume fundador de um artigo de Pedro Calmon contendo uma longa recensão dos estudos históricos brasileiros.

Até 1959, a RPH privilegiou, no entanto, a *Época Medieval*. A partir de 1959, a marca de LFA atesta-se em artigos de sua autoria relativos à História do Brasil, bem como na publicação de estudos de outros historiadores, nomeadamente brasileiros¹¹.

No tomo 9 publicado em 1960 publicaram artigos John A Hutchins, “A política diplomática da corte do Rio de Janeiro em relação à Banda Oriental do Uruguai (1808-

¹⁰ ALEXANDRE de Gusmão, o Brasil e o Tratado de Madrid (1735-1750). Coimbra: INIC, 1990. p. 63.

¹¹ SOBRAL NETO, Margarida. *Dicionário de Historiadores portugueses da Academia Real das Ciências ao Estado Novo*. Revista Portuguesa de História. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: http://dichp.bnportugal.pt/periodicos/periodicos_rev_port_historia.htm. Acedido em 29 de dezembro de 2016

1812)”¹², Magnus Morner¹³, Georg Schurhammer¹⁴, Arthur César Ferreira Reis¹⁵ e José Pinheiro da Silva¹⁶. De autoria deste último, a RPH publicou um artigo longo sobre a capitania da Bahia cuja publicação se iniciaria no tomo 8 de 1959 e concluiria no tomo 11 em 1968. Por sua vez, em 1962, Manuel Nunes publicou um extenso artigo sobre “A Junta liquidatária dos fundos das Companhias do Grão Pará e Maranhão, Pernambuco e Paraíba (1778-1837)”¹⁷.

Na década de 70 do século XX a RPH continuou a publicar, ainda que pontualmente, estudos sobre o Brasil.

Em 1999 e no âmbito das Comemorações do Achamento do Brasil, a Revista Portuguesa de História dedicou o tomo 33 (2 volumes) ao tema Portugal e Brasil. Rotas de Culturas. Nele participaram historiadores portugueses e muitos brasileiros, caso de José Jobson de Andrade Arruda, Arno Weling, Manuel Correia de Andrade, Maria Beatriz Nizza da Silva, Berenice Cavalcante, Caio Boschi, Anita Novinski¹⁸. No editorial pode ler-se:

Confraternalmente, de Além e de Aquém Mar, os braços uniram-se para cada um, em liberdade e igualdade, achar o futuro que no passado encontrou. Futuros diferentes feitos não apenas de cultura, como se desejou, mas também de navegação, povoamento, comércio e política. Vida feita de vidas. Contribuições de historiadores brasileiros e portugueses que a Revista Portuguesa de História tem o gosto de apresentar, em dois tomos de um volume, associando-se, por este modo, às comemorações do achamento do Brasil pelos portugueses em 22 de Abril de 1500. Ao mesmo tempo faz votos para que a colaboração desta circunstância se transforme num hábito em busca de um futuro que os historiadores têm obrigação de ajudar a construir.

7 O reconhecimento internacional do historiador e cidadão

O Doutor Luís Ferrand de Almeida sempre rejeitou protagonismos e glórias vãs. O mérito do seu percurso académico impôs-se, porém, desde cedo, na comunidade científica, facto que levou prestigiadas instituições académicas, nacionais e estrangeiras a acolherem-no

¹² *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 9, 1960, p. 93-123

¹³ OS JESUÍTAS, as suas Missões Guarani e a Rivalidade Luso-Espanhola pela Banda Oriental, 1715-1737. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 9, 1960, p. 141-175.

¹⁴ CARTAS de Martim Afonso de Sousa (1534-1539). *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 9, 1960, p. 247-276.

¹⁵ A EMPRESA colonial portuguesa na revelação da Amazónia. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t.9, 1960, p. 79-92.

¹⁶ A CAPITANIA da Baía. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra t. 8, 1959, p. 45-276; A CAPITANIA da Baía. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 9, 1960, p. 211-245.

¹⁷ *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. 10, 1962, p. 153-201.

¹⁸ Índice do volume disponível em: http://www.uc.pt/fluc/ihes/publicacoes/rph/indice_tomo33IeII. Acesso em: 29 dez. 2016.

no seu seio. Entre elas, destacamos o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos (1960), o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai (1962), a Academia Portuguesa da História (1963 e membro de mérito desde 2000), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1963), o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1971), a Academia de Marinha (1970) e o Polish Institute of Arts and Sciences in America (1970).

Por sua vez, o contributo dado por Luís Ferrand de Almeida para a História e construção da Identidade da Polónia e do Uruguai foram reconhecidos por entidades oficiais destes países. Em Setembro de 1992, o ministro da Cultura e das Belas Artes da República da Polónia concedeu-lhe a Ordem de Mérito Cultural, em reconhecimento “do precioso contributo para a difusão da Cultura e da Arte polacas”. E em 13 e 14 de Junho de 2006, numa iniciativa da Embaixada de Portugal em Montevideo, acolhida pelo Instituto Camões e pelo Instituto Histórico Geográfico de Montevideo, realizou-se no Uruguai um Congresso dedicado ao tema “Portugal na região platina”, no âmbito do qual a Luís Ferrand de Almeida foi prestada uma justa homenagem¹⁹.

8 Em jeito de conclusão: o historiador e o professor

LFA consagrou-se internacionalmente como um eminente especialista da História Política e Diplomática. O seu território de historiador foi, no entanto, muito diversificado tratando com mestria outras áreas da pesquisa histórica: da história económica à história da cultura. Não sendo este o momento para uma apresentação exaustiva dos estudos de Luís Ferrand de Almeida permito-me, porém, destacar os trabalhos no campo da história da ciência e das técnicas, sendo estas agrícolas, industriais ou náuticas. Neste domínio, revelou particulares competências em outras áreas do saber, mais próximas ou mais distantes da História: da geografia à botânica, da literatura à medicina como se comprova no último estudo publicado no tomo 35 da *Revista Portuguesa de História* com o título “Febre amarela em Lisboa: a epidemia de 1723”, longo artigo de 74 páginas em que Luís Ferrand de Almeida descreve *le tour complet de l' horizon* de que falava Braudel, revelando-se como um Historiador que dominava com igual competência todos os campos da História, da economia à cultura, da política às mentalidades, oferecendo ao leitor cristais lapidados com a mestria de um experiente ourives.

¹⁹ PORTUGAL en la región platina. Homenaje a Luís Ferrand de Almeida. Montevideo: Embajada de Portugal en Montevideo, 2007.

Desde 1957 até 1992, ano em que se jubilou, várias gerações de estudantes fruíram do seu diversificado e rigoroso saber nas seguintes cadeiras: História Medieval, Teoria da História, História Geral da Civilização, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa (depois História da Expansão Portuguesa), História da Geografia, História do Brasil, História de Portugal (sécs. XVIII-XX) e História Moderna. Assegurou ainda, depois da Revolução de Abril de 1974, em ambiente mais propício ao livre debate de ideias e à interação entre professor e alunos, seminários de Licenciatura (“Fontes e problemas da história rural portuguesa na época moderna” e “História Rural Portuguesa no século XVIII”) e do Mestrado em História Moderna (“História rural portuguesa no século XVIII” e “Formação territorial do Brasil nos séculos XVII e XVIII”).

Luís Ferrand de Almeida marcou, de forma indelével, os estudos brasileiros na Universidade de Coimbra: na investigação, na docência e no enriquecimento das bibliotecas, nomeadamente através do legado da sua rica biblioteca à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde se encontram muitas obras de referência para a História do Brasil.

De porte altivo, mas dotado de uma grande afabilidade e fino trato, Luís Ferrand de Almeida distinguiu-se pela generosa partilha do seu vastíssimo e rigoroso saber com estudantes e colegas bem como com todos os investigadores, muitos deles brasileiros, que o procuravam interessados em fruir dos seus profundos conhecimentos documentais, bibliográficos e históricos.